



JOSÉ CARDOSO PIRES, em Estugarda

Durante dois dias Estugarda foi cidade aberta, com bandeiras a brilhar ao sol e lenços vermelhos a adejar. De repente, na eternidade do momento de um «penalty», tudo escureceu e foi a debandada nocturna de invasores cordiais. Uma «feira cabisbaixa» de estandartes resignados e de centenas de autocarros em formação a abandonarem o parque do estádio de Neckar.

Que confluência foi esta que durante dois dias transformou uma cidade do coração da Alemanha em capital sentimental dos portugueses? Desde a recatada praça de Schiller até às vilas industriais, à boca da Floresta Negra, tudo era confraternização de peregrinos vindos dos pontos cardeais de Portugal repartido pela Europa. Holandeses poucos — não se mostravam à cidade, pelo menos. Ou se se mostravam guardavam sobriedade: toda a sua energia iria concentrar-se depois nas bancadas de apoio ao PSV num massacre de vozeria programado e persistente. Esplanadas das ruas comerciais da cidade, Wilhelmshaus, Neue Brücke, Königstrasse, acenavam galhardetes de Portugal e do Benfica.

Um turismo ao invés, este em que os visitantes vêm menos para ver do que para se mostrar. Afirmar-se, é o termo. Criar (e transmitir) uma imagem vital de si mesmos perante o mundo que lhes é estranho, com todas as singularidades que esse imagem contenha.

Daí o folclore, daí a descontração e o sentido gregário das marchas das grandes competições. Vivas e saudações a toda a hora, buzinas, os tradicionais peregrinos enrolados em bandeiras do clube. Numa praça

- «Para lá de tudo, uma romagem, como esta, à final dos campeões é uma identificação festiva. Ou seja, uma afirmação de identidade colectiva que se projecta para lá do clubismo.»

O escritor José Cardoso Pires viveu em Estugarda, durante três dias, o espectáculo proporcionado por uma grande competição europeia — primeiro por toda a cidade alemã, com o desfile das multidões de adeptos, depois no estádio.

A multidão solitária do momento do «penalty»

emoldurada por *clochards* à sombra das árvores, passa um grupo de forasteiros, os homens de barrete à ribatejana, as mulheres de saia rubro-negra. Duas delas improvisam ali mesmo uma desgarrada de fado alegre, desportivo. Benfica é o tema, já se vê. «Benfica, Benfica, na terra e no mar...» Os bêbados, à sombra das árvores, suspendem a garrafa, estonteados. Perto deles, um negro que toca saxofone, com uma bandeja de moedas aos pés, prossegue em tom abandonado o seu concerto solitário.

Vendo bem, foi como se um eco de romaria tivesse passado por esta Europa industrial. Sardinhas no centro dos emigrantes, portugueses conversando em grupo, reconhecendo-se, saudando-se com a surpresa dos encontros em terra estranha; operários da Mercedes-Benz de Sindelfingen (a 30 quilómetros de Estugarda) confraternizando com os patrícios em visita.

Para lá de tudo, uma romagem, como esta, à final dos campeões é uma identificação festiva. Ou seja, uma afirmação de identidade colectiva que se projecta para lá do clubismo. Pouco ou nenhum convívio com a cidade: Estugarda, para os portugueses, resume-se agora a uma praça de irmãos que vêm expor-se ao reconhecimento internacional. «Vim cá e não me arrependo, seja qual for o resultado do desafio», diz um emigrante de Newark ao balcão do Café Lobo, na Eberstrasse.

Newark, uma cidade lá longe, às portas de Nova Iorque. Café Lobo, um comércio em pleno centro de Estugarda, com letreiro português legítimo e a bandeira nacional hasteada

por cima. E lá dentro um português chegado do outro lado do Atlântico a confraternizar com conterrâneos desconhecidos, talvez algarvios, talvez nordestinos, talvez, quem sabe, da própria aldeia perdida que lhe foi berço.

São portanto signos colectivos este folclore, este clubismo, esta língua e esta presença que vieram expor-se aqui. Rituais, também. Os rituais pagãos nunca faltam nestes acontecimentos e eu recordo-me de um barbudo imponente que envergava uma túnica de cetim vermelho com o emblema do Benfica a toda a largura do peito. Como um sacerdote ortodoxo: barbas enormes, cabeleira comprida, um silêncio de austeridade na maneira como se deslocava em contraponto com os jovens diabos do PSV que saltavam pelas ruas com meio rosto pintado a vermelho.

Assim se fez e se faz o pano de fundo da festa do futebol. No centro o estádio — desta vez um moldura compacta de espectadores e para os portugueses com a imagem carismática de Diamantino gravada no inconsciente.

- «Simplesmente solitários, mais solitários do que ninguém no mundo, estão o marcador e o guarda-redes que se medem frente a frente.»

Imagem impositiva a dois tons: em caso de vitória do Benfica ela seria o alargamento e a cópula do triunfo e em caso de derrota a justificação. Talvez por isso mesmo o grande ausente do relvado do Neckarstadion tenha permanecido ainda mais vivo depois do «penalty» que decidiu o jogo.

Um desfecho assim, por grandes penalidades, é sem dúvida uma prova de extrema solidão. O campo emudece, a identidade colectiva suspende-se nesses instantes solenes de concentração, a aguerrida cor da festa abre tréguas. Angústia, chamou a isso Peter Handke nesse grande romance da literatura contemporânea *Angústia do Guarda-Redes no Momento do Penalty*.

Angústia? Para mim trata-se, antes, de solidão porque cada um de nós se encontra desligado do imenso público de que fazemos parte, e daí o sentimento de impotência e de fatalismo que nos domina nesse instante.

Simplesmente, solitários, mais solitários do que ninguém no mundo, estão o marcador e o guarda-redes que se medem frente a frente numa eternidade de segundos porque o golo ou a derrota que se vai seguir «é uma coisa que não se explica», como disse Van Breukelen depois da vitória do PSV. E igualmente solitário o treinador, que por vezes vira a cara para não ver, para se recusar ao acaso e à fatalidade. É que mesmo fora duma prova incontrolável como esta, ele é talvez um homem necessariamente solitário. Sempre o presentí assim. Um solitário que se mede, que procura, na complexa organização que o rodeia, a conjugação unitária da sua equipa.



Fotos ALBÉRICO ALVES

